

O DISCURSO DE AUTOAJUDA E SUAS RELAÇÕES DIALÓGICAS

Samuel Cavalcante da Silva¹
Lady Daiane Martins Ribeiro²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo identificar e analisar os discursos que atravessam e/ou estão presentes na literatura de autoajuda, mas especificamente nos textos de Augusto Cury “Pai Brilhantes, Professores Fascinantes” e “Você é Insubstituível”. Tomamos por base teórica a noção bakhtiniana de dialogismo. Tal conceito é entendido por Bakhtin como um princípio constitutivo da própria linguagem, ou seja, a linguagem humana se constitui pela reiteração de discursos que carregam todo um caráter ideológico. Nos *corpora* escolhidos para análise observamos vários outros discursos que o atravessam, como o discurso religioso, científico e o econômico-capitalista. Ao mesmo tempo em que Cury utiliza-se de terminologias tipicamente religiosas como “os sete pecados capitais dos educadores”, retomando a ideia cristã de punição pelos pecados, ele diz que seu discurso tem cunho científico, por isso é válido. Nessa relação entre o científico e o religioso observamos um discurso que culpabiliza o sujeito pelo seu insucesso com uma marca típica do discurso capitalista, o individualismo.

Palavras-chave: Autoajuda; Dialogismo; Ideologia.

Introdução

Na perspectiva bakhtiniana o discurso é concebido não enquanto fala individual, mas como instância significativa em que discursos outros – veiculados sócio-historicamente e que se realizam nas/pelas interações entre os sujeitos – se entrelaçam e se atravessam (BAKHTIN, 2009). Estamos o tempo todo envolvidos por diversos discursos alguns são efêmeros outros mais enraizados, já que ganharam um espaço privilegiado em nossa sociedade.

Entre os muitos discursos, envoltos em nosso tempo, temos o discurso de autoajuda. Sua materialidade se dá principalmente no texto impresso, cujos enunciados exigem pouca reflexão, pois é composto por frases de fácil entendimento e compreensão. O grande sucesso desses livros é o uso de fórmulas que fazem com que o leitor acredite que será

¹Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão; Graduado em Letras pela UEG e em Psicologia pela UFG; membro do GEDIS - Grupo de Estudos Discursivos (https://gedis_letras.catalao.ufg.br/)

² Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão; Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão; membro do GEDIS – Grupo de Estudos Discursivos. Professora do curso de Psicologia no Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC).

capaz de realizar e conquistar o que deseja sozinho, como fazer amigos, conquistar um bom emprego, ser bem sucedido financeiramente e influenciar pessoas. Essas fórmulas funcionam como manuais que oferecem aos leitores a promessa de felicidade, sendo necessário, para tanto, que o indivíduo busque em seu interior recursos para alcançar o sucesso, dessa forma, basta seguir as orientações oferecidas adequando-se e auto modelando-se.

Segundo Rüdiger (1996) esse tipo de texto tem grande aceitação devido à crise do homem moderno e de seus valores morais, que o levam a buscar a individualidade em detrimento do social. A busca pela individualidade também se deve ao capitalismo e ao novo sistema de organização da produção que leva a divisão do trabalho, isso faz com que o ser humano acredite ser capaz de conquistar tudo por si próprio. Dessa forma, esse tipo de discurso faz com que o indivíduo tenha a esperança de que algum dia alcançará realização, sucesso e felicidade por mérito pessoal. De acordo com Rüdiger (1996), os textos que compõem o gênero autoajuda estão divididos em duas categorias:

[...] a primeira, os livros que ensinam a desenvolver capacidades objetivas, como conseguir sucesso nos negócios, comunicar-se com as pessoas, conservar o marido; segunda, os livros que ensinam a desenvolver capacidades subjetivas, como estimar a si mesmo, saber envelhecer, vencer a depressão ou viver em plenitude. (RÜDIGER, 1996, p. 18).

Dessa maneira, através de uma diversidade de temas que visam a autorealização, os textos de autoajuda buscam atingir todos os campos da vida humana. Por isso, os textos desse gênero possuem uma diversidade de assuntos que envolvem temas como religiosidade, trabalho, relações interpessoais, entre outros.

Propomo-nos, neste artigo, relacionar o conceito de dialogismo desenvolvido pelo Círculo de Bakhtin com o discurso de autoajuda. Uma vez, que tal discurso é constituído por outros discursos numa relação dialógica produtora de sentidos. Sendo assim, pretendemos identificar tais discursos e quais os sentidos que estes produzem ao leitor desse tipo de texto, buscando sua relação com a ideologia dominante, com o objetivo de nesse diálogo incitar possíveis análises.

Escolhemos o escritor Augusto Cury³, um dos autores representativos desse tipo de texto no Brasil e que vigora, já há algum tempo, entre os mais vendidos, para

³Augusto Cury é escritor e psiquiatra, desenvolveu e defende a teoria Multifocal da Inteligência. Tal teoria busca desvendar o complexo funcionamento da mente humana a fim de orientá-la, controlá-la, numa espécie de domesticação do pensamento segundo as vontades do indivíduo.

exemplificarmos, a partir de duas de suas obras, os livros “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes” e “Você é insubstituível”, as relações dialógicas presentes nesse tipo de literatura.

Dialogismo e literatura de autoajuda

A contribuição teórica do Círculo de Bakhtin⁴ aos estudos da Linguagem é um avanço na compreensão da língua enquanto materialidade linguística construída socialmente num dado momento histórico, pois, “em cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009 p. 79).

Por isso, Bakhtin não ignora a relevância dos códigos linguísticos, pelo contrário, reconhece como elementos semelhantes em qualquer produção textual e afirma que “são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009 p. 79). Porém, avança os estudos numa compreensão que aborda os fundamentos e características essenciais da significação linguística. Pois Bakhtin/Volochinov

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.127).

É característica da obra de Bakhtin a disseminação dos conceitos em toda obra do Círculo, por isso, trabalhamos nessa discussão principalmente a partir dos textos *Marxismo filosofia da linguagem* (2009), *Estética da criação verbal* (2011) e *Problemas da poética de Dostoievski* (1981), a respeito da concepção dialógica da linguagem.

De acordo com Stafuzza (2011, p.42, grifos do autor),

[...] a concepção polifônico-dialógica da linguagem, concebida e desenvolvida por Mikhail Bakhtin, confere à expressão enunciativa um caráter social e ideológico que, determinada pelo meio externo, estrutura e orienta a atividade mental do sujeito falante. Observamos, então, que o discurso submete-se a uma situação social

⁴O chamado Círculo de Bakhtin era um grupo formado por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento que se reuniam para discussões sobre diferentes assuntos. Dentre esses estudiosos destacamos Mikhail Bakhtin e Volochínov pela relevante contribuição para os estudos da linguagem com *Marxismo e filosofia da linguagem*.

imediate, bem como ao meio social mais amplo no processo da materialização da linguagem, fundamentando o processo de *interação verbal*.

Assim, no texto *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1981) põe em discussão o caráter polifônico que se constrói no discurso literário. A polifonia⁵ literária compreende a valoração de cada voz no texto, ou seja, as vozes dos personagens e do narrador apresentam uma independência entre si, por isso, tanto o narrador quanto os personagens estão no mesmo patamar. De acordo com Bakhtin (1981, p. 177), “Dostoiévski escreve o romance onde todas as vozes tem vez”, sendo que esse autor (Dostoiévski), para Bakhtin, foi o primeiro a escrever um romance polifônico. Logo, como afirma Stafuzza (2011, p.42), ao estudar o discurso literário:

Ao teorizar sobre polifonia, Bakhtin estabelece uma relação desta com o problema do *diálogo* como fundamento do pensamento criativo e da própria criação. Nesta problematização, o teórico russo polemiza com os mais célebres críticos da literatura de Dostoiévski, considerando que a autêntica multiplicidade de vozes, bem como as consciências independentes, constituem a peculiaridade fundamental do estilo romanesco de Dostoiévski. Tais considerações bakhtinianas encontram seus fundamentos a partir da diversidade social, ideológica e psicológica da linguagem.

Apesar de observarmos que há uma relação entre polifonia e diálogo, não temos a pretensão, nesse trabalho, travar uma discussão a respeito da noção de polifonia, mas em apresentar o caráter dialógico presente em todo e qualquer discurso, aqui em especial, no discurso de autoajuda.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2009) e *Estética da criação verbal* (2011), o dialogismo é apresentado como constitutivo da linguagem, ou seja, o discurso é por natureza dialógico, na medida em que os enunciados são produzidos a partir das várias vozes que circulam sob diferentes pontos de vista, ou seja, essas vozes se assemelham ou se contradizem, é nessa dinâmica que os discursos são materializados. Portanto, o enunciado é célula na compreensão da produção e circulação dos discursos.

Para Bakhtin/Volochínov (2009, p. 116), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. A interação entre os sujeitos e o diálogo estabelecido entre eles é a origem constitutiva dos discursos, por isso, “[...] o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora

⁵Polifonia, termo pensado por Bakhtin a partir da música, para designar a presença de várias vozes em uma única voz.

dessa forma não pode existir”. Assim, é pela interação social que ocorre o processo enunciativo, conseqüentemente a constituição dos discursos.

A partir disso, a linguagem não é concebida de maneira individual, “nem é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127), mas é produzida por seres sociais que através do diálogo (entendido por nós como discurso) mantêm relações com outros discursos que o antecederam e os que serão produzidos posteriormente. Bakhtin (2009) afirma que:

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da *grande temporalidade*. (BAKHTIN, 1997, p. 414,415).

Nessa perspectiva o produto do ato da fala, que é a enunciação, não é um processo individual, mas sim social resultante das interações dos sujeitos em um dado contexto sócio-histórico, marcado pelas construções ideológicas de uma sociedade. Dessa forma, o sujeito e o discurso resultam da interação social estabelecida nos diferentes segmentos em um mesmo ou em diferentes âmbitos sociais; daí o entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito, bem como de outro discurso, o que Bakhtin chama de dialogismo. Sendo assim, o discurso é dialógico, isto é, ele dialoga de diversas formas com enunciações que vieram antes dele, discute com enunciações prévias, retoma-as num processo ativo de resposta:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.(...) Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto da vida científica ou da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN, 2009, p.101).

O conceito de dialogismo é, portanto, a base do processo de produção dos discursos, bem como a base para o processo de produção de sentidos desses discursos, uma vez que nesse diálogo do sujeito com o meio social e histórico, bem como no processo

dialógico dos discursos com discursos outros que os sentidos são produzidos. Isso não implica em dizer que os discursos são meras repetições,

Não há nem pode haver textos puros. [...] por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado). (BAKHTIN, 2011, p. 310).

Para o Círculo há um processo de interconstituição dos discursos, que implica em estabilidade e mudança, o que faz do dialogismo um sistema dinâmico em vez de um conjunto estático de repetições e reproduções de discursos, fazendo com que cada enunciado seja algo individual, único e singular. Isso ocorre porque cada enunciação/discurso tem uma espécie de autor no qual podemos perceber “(...) uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage.” (BAKHTIN, 1981, p. 159).

Nos textos de autoajuda encontramos uma relação direta com o conceito de dialogismo apresentado por Bakhtin, uma vez que tais textos são atravessados por outros discursos de diferentes campos, entre estes temos os discursos: religioso, o econômico capitalista, o científico. A partir do discurso científico observa-se um forte relação com temas relacionados a medicina, a estética corporal, a psicologia e a psicanálise.

Bakhtin apresenta o sujeito que se constitui com o outro através da interação verbal “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 2009, p. 117).

É na interação que o sujeito se constitui, forma sua identidade, num processo contínuo, a partir das relações desde o nascimento com outros sujeitos, num constante diálogo que não exclui a harmonia ou compreensão mútua, mas que segundo Sobral (2008) é principalmente lugar de tensões, uma arena de vozes um campo de luta de confronto entre diferentes, somos seres que vivem e se constituem nas relações com os outros, que se formam nos diálogos que travam ao longo da vida.

O caráter dialógico na concepção de Bakhtin é fundamental para a compreensão e definição do ser humano, pois o outro é imprescindível na construção da identidade, ou seja, a “alteridade é a condição da identidade: os outros constituem dialogicamente o eu que se

transforma dialogicamente num outro de novos eus.” (FARACO, 1996, p. 125). Nesse sentido, uma pessoa deve passar pela consciência do outro para se constituir.

O sujeito enunciator do texto de autoajuda é um sujeito que sempre está investido de um lugar de saber reconhecido pelo leitor, buscando dar valor ao que será dito. São médicos, psicólogos, administradores, profissionais bem sucedidos, líderes religiosos ou ainda pessoas que passaram por experiência que lhe deram autoridade para falar sobre determinado assunto. Muitas vezes o enunciator se apresenta como alguém que não só tem autoridade enquanto um conhecedor do assunto, mas como alguém que vivenciou e experimentou na prática as técnicas oferecidas no texto. Neste jogo de interlocução o enunciator se apresenta como alguém capaz de dizer ao leitor o que fazer e como fazer, o possuído da “verdade”.

Sendo assim, o sujeito enunciator constituído por outras vozes sociais, busca oferecer ao sujeito leitor técnicas com objetivo de influenciar em sua constituição. O sujeito enunciator, com uma perspectiva individualista, e amparado em uma pseudoautoridade que lhe dar o direito de dizer ao leitor o que deve e o que não deve fazer, tendo assim, a pretensão de oferece-lhe o caminho para conquistar o que almeja.

Neste sentido o conceito de dialogismo muito nos interessa para análise desse tipo de texto, principalmente pelo fato de o discurso de autoajuda manter uma relação dialógica com outras vozes sociais e pela relação que o sujeito enunciator tem com o sujeito leitor, utilizando-se de um falar engenhoso carregado de ideologias. Sendo assim podemos ainda recorrer a Bakhtin, pois este afirma que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2009, p.42) e ainda

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide como domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. (BAKHTIN, 2009, p.32, 33).

Para Bakhtin a língua reflete todos os conflitos de classe e as mudanças que se dão na língua são reflexo das mudanças ideológicas em uma dada sociedade. Como todo discurso dialoga com enunciações que vieram antes e discute com enunciações prévias, como falamos antes, as quais são carregadas de uma multidão de fios ideológicos, logo todo discurso mantém um diálogo com tais fios ideológicos seja para reafirma-los ou contradizê-los. Dessa forma, refletir sobre os discursos que perpassam o texto de autoajuda é uma busca em

compreender a relação das concepções ideológicas em um dado momento histórico social através dos enunciados nesse tipo de texto.

O Discurso de Autoajuda e seus Outros

Na literatura de autoajuda os enunciados produzem sentidos que emanam a ideia de algo verdadeiro, seguro, pronto e acabado. Segundo Brunelli (2001) o discurso de autoajuda se constrói em torno da certeza, da afirmação, rejeitando qualquer manifestação de dúvida. Dessa forma, pretende-se criar, nessas manifestações discursivas um ser humano seguro, autoconfiante, que é capaz de realizar seus sonhos acreditando na força ilimitada que há dentro de si, rejeitando qualquer situação que provoque o confronto. Cury elege para composição de suas obras, enunciados afirmativos, que demonstram a certeza e o conhecimento do caminho para a felicidade.

No texto “Você é Insubstituível”, cujo subtítulo “este livro revela a sua biografia” é o enunciado que perpassa toda a obra, revelando o segredo para se conseguir as chaves que abrirá as portas para a felicidade, sendo necessário conhecer as regras e o funcionamento da memória, aprendendo a gerenciar as emoções e dominar a si mesmo. Cury (2002) apresenta nesse texto a ideia que o indivíduo é capaz de deixar sua marca no mundo por meio da singularidade que lhe são inerentes e que distingue do outro. Pois como afirma Cortina (2011, p. 140 grifos do autor)

[...] o enunciador sempre se dirige diretamente a seu leitor para com ele estabelecer o contato da troca de conhecimento. O leitor de autoajuda é um ser concretizado pelo texto; ao mesmo tempo em que é uma pessoa que está lendo o livro, é um ser único com que o autor conversa. Essa estratégia, que consiste em fazer com que o leitor se sinta o real interlocutor do dizer, é importante para a produção do efeito terapêutico. Linguisticamente, a forma de manifestação do enunciador é a primeira pessoa, quer se concretize no pronome ou na desinência verbal, e a do interlocutor é a segunda pessoa, majoritadamente representada pela forma “você” ou, no plural, “vocês”.

Nesse sentido, ao utilizar o pronome “você” o enunciador o faz como marca de informalidade, a fim de ser próximo do sujeito leitor e também para estabelecer uma relação de existência com o sujeito leitor: ao mesmo tempo em que o leitor constitui-se leitor da obra, ele também está concretizado no texto, uma vez que a promessa é falar dele, sobre ele, para ele. Por outro lado, o pronome “você”, no texto de autoajuda adquire outro sentido, pois refere-se a qualquer indivíduo, a qualquer pessoa que compre o livro, ou seja, é vazio,

impessoal e generalizante. Diante disso, o que era para ser uma marca pessoal (“você”) no discurso de autoajuda, acaba se deslocando para o sentido de “você” poder ser qualquer um.

Em “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”, Cury (2003) parte da premissa de que a educação, compromisso dos pais e professores, tem a finalidade de formar jovens felizes e inteligentes e que saibam cultivar a emoção e expandir a inteligência para terem qualidade de vida. Para tanto, é necessário que pais e professores, aprendam a serem educadores acima da média – pais brilhantes e professores fascinantes – que conheçam funcionamento da memória e aprendam a gerenciar suas emoções e o funcionamento da memória.

Observamos que em ambos os textos Cury pretende oferecer aos leitores técnicas de caráter científico, pois já que ele mesmo se apresenta como médico, pesquisador da psicologia e professor de pós-graduação. Ele parte de uma teoria sobre o processo de construção do pensamento e o funcionamento da mente, chamada de “Inteligência Multifocal”, a qual ele mesmo desenvolveu. Vemos no decorrer de todo o texto a tentativa de se afirmar que, o que se escreve é científico, frutos de pesquisas, como Cury anuncia no prefácio de uma das obras em análise “discutirei ferramentas psicológicas que poderão promover a formação de pensadores, educar a emoção, expandir os horizontes da inteligência e produzir qualidade de vida” (CURY, 2003, p. 9). O que se observa na realidade é o estabelecimento de certa hierarquia com o leitor, de oferecer-lhe, através do livro, a verdade, uma vez que o enunciador ocupar o lugar do suposto saber sobre o assunto.

Cury apresenta o caminho para que o sujeito encontre a felicidade dentro de si mesmo. Assim, quem acredita que vai conseguir desprender das coisas exteriores encontrará o que deseja. Trata-se, portanto, de uma questão de fé, de crença na capacidade absoluta em reverter a realidade de modo individual.

Ao aprender a amar, o homem derramará lágrimas não de tristeza, mas de alegria. Chorar não pelas guerras nem pelas injustiças, mas porque compreendeu que procurou a felicidade em todo o universo e não o encontrou. Perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou em procurá-la: dentro de si mesmo. (Cury, 2002, p.11)

No enunciado acima é possível observar uma relação direta com o discurso religioso, bem como no decorrer de praticamente todo o texto. É um discurso religioso de cunho cristão, marcado por termos religiosos e citações bíblicas como no seguinte enunciado:

Pisou nesta Terra um excelente mestre da emoção. Ele conseguia erguer os olhos e enxergar o belo num ambiente de pedras e areais. No auge da fama e sob intensa perseguição, ele fazia pausas e dizia: “Olhai os lírios do campo”. Somente alguém plenamente feliz e em paz é capaz de gerenciar seus pensamentos e fazer de uma pequena flor um espetáculo aos seus olhos. (CURY, 2002, p. 23).

Todo discurso segundo Bakhtin possui significações ideológicas, ou seja, traduz uma concepção de mundo e de lida com a realidade. O discurso religioso enquanto manifestação discursiva seja um dos que mais constitui o sujeito, devido seu valor hierárquico cristalizado. Dependendo do posicionamento ocupado pelo sujeito do discurso, ele se inscreverá nos valores ideológicos desse ou daquele grupo religioso, sempre os tomando como um valor de verdade.

Em um dos capítulos de “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes” Cury faz referência aos “sete pecados capitais dos educadores”. Ao usar o termo pecado, o autor busca não só apresenta-se como enunciador da verdade, mas também que o não cumprimento de tais “regras” é suscetível à punição, já que pecar prevê castigo. A ideia de pecado capital vem da Igreja Católica que fez uma lista de sete pecados que dariam origem aos outros pecados, portanto, tais pecados deveriam ser evitados. Sendo assim Cury anuncia “os sete pecados dos educadores” que dariam origem a outros pecados:

1. Corrigir publicamente
2. Expressar autoridade com agressividade
3. Ser excessivamente crítico: obstruir a infância da criança
4. Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações
5. Ser impaciente e desistir de educar
6. Não cumprir com a palavra
7. Destruir a esperança e os sonhos

Embora apenas o 6º “pecado” possui o advérbio de negação “não” todos os outros “pecados” configuram-se em negação, reafirmando assim a ideia de proibição, fazendo assim uma relação direta com os dez mandamentos bíblicos: “não corrigirás publicamente”; “não expressarás autoridade com agressividade” e assim por diante. Reforçando ainda mais o lugar do enunciador enquanto detentor da verdade, o lugar do saber, impondo sobre seu leitor uma prática que pretende interferir em sua subjetividade, dizendo-lhe o que fazer, como fazer e o que deixar de fazer.

Cury munido de um jogo de palavras que transitam entre a ciência e a religião, marcando os lugares dos interlocutores, reafirma uma ideologia capitalista focada no individualismo, em que cada sujeito é responsável por seu sucesso ou por sua decadência,

independente de qualquer fator social que possa influenciar na atuação desses sujeitos. Um discurso que se utiliza de uma suposta ciência para confirmar o que se diz como verdade “comprovada” e de terminologias religiosas marcadamente cristãs que retomam não só a ideia de individualidade marcada pela noção de “salvação do indivíduo” como de punição pelos erros, numa tentativa de culpabilizar o sujeito leitor que não consegue sucesso na vida.

Considerações Finais

Procuramos neste artigo, a partir da noção de dialogismo apresentada pelo Círculo de Bakhtin, identificar discursos que dialogam com o discurso de autoajuda, tão presente em nossos dias.

Observamos que o discurso de autoajuda é atravessado por outros discursos como o religioso e o científico, que busca reafirma a condição de lugar de verdade e de saber, sobre o sujeito leitor, propondo-lhe o caminho para chegar ao sucesso.

Vimos que tal discurso utiliza-se de argumentos engenhosos, e nessa relação com outros discursos, revela sua filiação com a ideologia capitalista, em que o indivíduo deve ser o regente de sua vida, e que depende dele, e apenas dele o sucesso ou a decadência, e que todo contexto sócio histórico em que vivemos em nada importa quando se tem “força de vontade”.

Detectamos um fenômeno discursivo que se aproveita do contexto histórico social em que a nossa sociedade vive, no qual os sujeitos encontram-se perdidos sem um referencial e influenciados pelo capitalismo se veem isolados numa busca em que se identificar o que leva a necessidade de que alguém lhe diga o que fazer e como fazer, oferecendo-lhe a “salvação do eu” e a promessa de felicidade.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

SILVA, Samuel Cavalcante; RIBEIRO, Lady Daiane Martins. O discurso de autoajuda e suas relações dialógicas. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 22 - 33, 2015. (ISSN 2317-1006 - online).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. p. 21-42.

CORTINA, Arnaldo. “A literatura de massa na perspectiva dialógica”. **Revista Bakhtiniana**. Vol. 1, n. 5 1º semestre de 2011, p. 133-150.

RÜDIGER, Francisco R. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.

STAFUZZA, Grenissa. **Análise do discurso literário**: das vozes de Homero em Joyce. Curitiba: Appris, 2011.

STAFUZZA, Grenissa; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. Apontamentos sobre a Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras (no prelo).

SOBRAL, Adail. et al O Ato “responsável”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. **Revista SIGNUMS: Estudos da Linguagem** n. 11/1, 2008. p. 219-235.

Referências Bibliográficas dos Corpora

CURY, Augusto J. **Você é insubstituível**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CURY, Augusto J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

Recebido em setembro de 2015.

Aceito em outubro de 2015.